

Representações Sociais de Deus e Diabo para homens e mulheres universitários

João Pedro Oliveira Amorim

Sara Rie Hirokawa

Guilherme Amorim Noleto Cabral

Thiago Mikael-Silva

Alberto Mesaque Martins

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar e analisar as representações sociais de Deus, Diabo e religião para homens e mulheres, estudantes universitários. Participaram do estudo 561 estudantes universitários, matriculados em diferentes cursos de graduação, de todas as regiões do Brasil, selecionados de forma aleatória e não intencional, os quais responderam a um formulário virtual com 48 questões e foram submetidos à Técnica de Associação Livre de Palavras. Os resultados indicam que Deus é representado como amor e pai, enquanto o Diabo é percebido como personificação do mal, e a religião, por sua vez, foi associada com Deus, fé e amor. Os homens e as mulheres desta pesquisa se relacionam de forma relativamente distinta com esses objetos. Enquanto as mulheres parecem buscar em Deus proteção, força, conforto e segurança, valorizando a dimensão institucional da Igreja, esses aspectos parecem ser menos centrais para os homens. Essas diferenças, entretanto, não significam a existência de representações sociais diferentes, pois, para ambos os sexos não foram encontradas diferenças nos seus prováveis núcleos centrais.

Palavras-chave: Deus; Satã; Representação Social; Psicologia da Religião.

ABSTRACT

Social representations of God and Devil for university students

This study had an objective to identify and analyze the social representations of God, the Devil, and religion for men and women, university students. 561 university students participated in the study, enrolled in different undergraduate courses, from all regions of Brazil, randomly and unintentionally selected, who answered a virtual form, with 48 questions and submitted them to the Free Association of Words Technique. The results indicate that God is represented as love and father, while the Devil is perceived as the personification of evil, and religion is associated with God, faith, and love. The men and women in this research deal relatively differently with these objects. Whereas women seem to look to God for protection, strength, comfort, and security, valuing the institutional dimension of the Church, these aspects seem to be less central for men. These differences, however, do not mean there are different social representations for both sexes since we have not found differences in their probable central cores.

Keywords: God; Devil; Social Representation; Psychology of Religion.

Sobre os Autores

J. P. O. A.
orcid.org/0000-0001-9249-8157
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campo Grande, MS
joao_amorim@ufms.br

S. R. H.
orcid.org/0000-0002-7784-8742
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campo Grande, MS
sara.hirokawa@ufms.br

G. A. N. C.
orcid.org/0000-0001-7979-9297
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campo Grande, MS
guilherme.cabral@ufms.br

T. M. S.
orcid.org/0000-0001-5626-9955
Instituto René Rachou – Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Belo Horizonte, MG
thiagomikhael@hotmail.com

A. M. M.
orcid.org/0000-0002-6032-3122
Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia, MG
alberto.mesaque@ufms.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



O Brasil é um país que possui enorme diversidade religiosa, com predominância da tradição judaica cristã (Zangari & Machado, 2018). Segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, os católicos representavam 64% da população (IBGE, 2010). Em 2020, entretanto, o percentual de católicos caiu para 50% conforme o Instituto Datafolha (2020). Já o seguimento evangélico, por exemplo, cresceu consideravelmente, de 22% para 31% (Datafolha, 2020). Essas transformações mostram que o pertencimento religioso é variável e sensível às transformações demográficas, sociopolíticas e econômicas (Zangari & Machado, 2018). Demograficamente, enquanto a população católica envelheceu, houve uma expressiva concentração de evangélicos nas camadas mais jovens (Pestana, 2021). Esse mesmo grupo tem ocupado importantes espaços na política e especialmente na mídia – por meio da qual grupos neopentecostais ocupam cada vez mais espaço na difusão de sua mensagem (Quitério, 2019). Ademais, o Brasil conta com outros grupos religiosos de diferentes matrizes, como as africanas, indígenas, islâmicas, orientais e coletivos de pessoas sem religião, interessadas em temáticas da espiritualidade (IBGE, 2010; Datafolha, 2020).

O termo religião advém do latim *legare* e significa ligar, designando tanto a relação do indivíduo com Deus quanto a relação socioafetiva estabelecida com outras pessoas, remetendo à sua dimensão social e espiritual (Jodelet, 2017). Nessa perspectiva, a vivência da religião, que se denomina religiosidade, não se restringe às crenças e às vivências individuais ou às doutrinas religiosas propriamente ditas, sendo também um fenômeno cultural, político e social (Jodelet, 2017; Moscovici, 2011). Assim, a religiosidade é vivida na coletividade, seja por meio dos ritos e das práticas, socialmente estabelecidas, seja por meio de vínculos afetivos e comunitários que, por sua vez, fazem com que os devotos produzam cultura (Jodelet, 2017; Moscovici, 2011).

Grosso modo, a religião envolve aspectos institucionais e doutrinários associados a ritos e crenças transcendentais, ao passo que a religiosidade compreende a expressão ou prática relacionada ou não com uma instituição religiosa (Gomes, Farina & Forno, 2014; Jodelet, 2017; Moscovici, 2011; Zangari & Machado, 2018). Esses dois fenômenos afetam a forma como os indivíduos se comportam na sociedade, uma vez que a religião tem presença e influência no espaço público do país (Camurça, 2019) e motiva atitudes e comportamentos coletivos referentes ao sagrado (Jodelet, 2017). A religiosidade também influencia debates sobre pautas sociais, sobretudo em temáticas como a legalização do abortamento, a descriminalização das drogas, entre muitos outros (Martins, 2019). Logo, a religiosidade exerce influência nos mais diversos espaços sociais públicos e privados que compõem a vida cotidiana (Moscovici, 2011).

O âmbito universitário é um espaço no qual a dimensão religiosa cristã é marcante, especialmente nas identidades

dos estudantes, oferecendo sentido, conforto, elevação e confiança em suas vidas, bem como solidariedade, compaixão e melhoria ética das sociedades (Martins & Nascimento, 2022; Pátaro & Mezzomo, 2018; Ribeiro, 2019). A religiosidade ajuda no desenvolvimento da autoconsciência dos estudantes (Nascimento e Roazzi, 2017), além de auxiliar na vivência de psicopatologias como depressão e ansiedade (Arrial et al., 2019; Martins et al., 2023) e ainda na prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas (Diniz et al., 2020), e na prevenção do suicídio (Andrade et al., 2020).

Tratando-se dos universitários, é preciso levar em conta que suas crenças estão em constante mudança, sendo frequentemente tensionadas (Pátaro & Mezzomo, 2018). De um lado, esse público traz consigo marcas da transmissão intergeracional da fé ocorridas em suas famílias e da socialização religiosa fortemente presente em outros contextos, como a escola e as eventuais instituições religiosas (Bengston, 2009; Smith, 2021; Sherkat, 2003; Valente, 2015). De outro lado, num espaço marcado pela laicidade e anseios positivistas sobre a superioridade da razão sobre as superstições, estudantes podem se deparar com questionamentos e reflexões contrárias às suas cosmovisões, o que favorece a expansão e a diversificação das vivências e autonomias nesse campo (Jodelet, 2017; Moscovici, 2011). Entretanto, essa tendência tem sido cada vez mais confrontada com o cultivo do pluralismo e da necessidade de ressignificação de crenças e práticas religiosas (Martins & Nascimento, 2022; Nascimento & Roazzi, 2017). Ao estudar o fenômeno da religiosidade universitária, é importante considerar que a maneira como os jovens interpretam a si, aos outros e ao mundo é influenciada pela religiosidade (Nascimento & Roazzi, 2017; Martins, 2019).

Também é preciso ressaltar a existência de evidências que indicam que a vivência religiosa judaica-cristã pode apresentar características diferentes para homens e mulheres, revelando implicações de gênero (Martins, 2019). Afinal, a vivência e a identidade são aspectos integrantes do gênero enquanto “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e [...] uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1995, p. 21). No Brasil, essas relações de poder foram historicamente assinaladas por desigualdades de gênero que, apesar dos tensionamentos feministas no debate público, ainda se mantêm em diversas instâncias (Pinheiro et al., 2011).

Na instância religiosa, estudos indicam que as mulheres tendem a ser mais religiosas e a assumir a responsabilidade sobre a religiosidade da família, buscando mais ao sagrado como forma de lidar com a maternidade, solidão, matrimônio e conflitos familiares (Cavalcante & Pinezi, 2014; Machado, 2005). Já os homens tendem a procurar mais tardiamente essas vivências em momentos em que sentem ameaçada a identidade masculina, como as dificuldades financeiras, o

desemprego e os problemas de saúde (Martins, 2019; Rosado, 2017). Esse movimento requer novas maneiras de pensar, agir e estabelecer uma relação entre sua masculinidade e sua identidade religiosa (Martins, 2019). Portanto, a maneira como cada gênero enxerga a simbologia cristã, bem como as ideias de Deus e o Diabo – objetos deste estudo –, é um espaço de investigação relevante para compreender como esses grupos criam uma realidade social compartilhada (Oliveira, 2018; Martins, 2019; França et al., 2020).

A partir dos pressupostos da Teoria das Representações Sociais (TRS), este estudo busca compreender esse fenômeno. A TRS foi originalmente desenvolvida por Serge Moscovici e pode ser entendida como um arcabouço teórico flexível que dispõe de ferramentas conceituais e abordagens complementares para entender como os indivíduos elaboram, transformam e compartilham sua realidade social (Moscovici, 2005; Moscovici, 2011). Na abordagem estrutural – preocupada com os elementos sociocognitivos que estruturam as representações sociais (RS) –, elas são definidas como “uma visão funcional do mundo que permite ao indivíduo ou ao grupo dar sentido às suas condutas, e entender a realidade mediante seu próprio sistema de referências e adaptar e definir, deste modo, um lugar para si” (Abric, 2001, p. 13). Estruturalmente, as RS são constituídas por: a) núcleo central que determina o significado e a organização da representação, reunindo elementos mais consensuais e duradouros; e b) sistema periférico que traz elementos menos estáveis, mais práticos e flexíveis organizados em torno do núcleo central para protegê-lo (Abric, 2001; Moliner & Abric, 2015).

Segundo Moscovici (2011), as sociedades são marcadas por dois universos: o reificado, representado pelo conhecimento científico, e o consensual, que diz respeito aos saberes construídos e compartilhados pelo senso comum e por pessoas leigas, denominadas pelo autor como cientistas amadores. Nessa perspectiva, nas interações sociais coexistem esses dois universos, delineando um cenário marcado pela pluralidade de formas de interpretar e agir sobre o mundo, as quais são apropriadas pelos sujeitos, orientando os seus modos de pensar, sentir e agir (Moscovici, 2005). Nesse contexto, destacam-se as universidades, reconhecidas como importantes instituições sociais educacionais, sede da ciência, da tecnologia e do pensamento científico. Ao adentrar nos espaços acadêmicos, os sujeitos carregam consigo marcas dos processos sociais e culturais, incluindo processos primários de socialização na família de origem, constituindo um cenário onde os saberes do senso comum coexistem com o conhecimento científico (Moscovici, 2011; Nascimento & Roazzi, 2017). Esse processo exige que os universitários, ao adentrarem as universidades, reelaborem seus saberes sobre diferentes temas, entre eles os ligados à religiosidade (Borges, 2015; França et al., 2020; Oliveira 2018).

Dessa forma, esse estudo teve como objetivo identificar e analisar as representações sociais de Deus, Diabo e religião para homens e mulheres, estudantes universitários.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram do estudo 561 estudantes universitários, matriculados em diferentes cursos de graduação, de diferentes regiões do Brasil, selecionados por meio de amostragem de conveniência. Através de postagens divulgadas em grupos de redes sociais direcionadas ao público universitário, foram encaminhados convites para que os participantes respondessem a um formulário on-line. Os critérios de seleção dos participantes foram: a) ser maior de 18 anos, b) estar cursando graduação em qualquer área do conhecimento e c) aceitar o convite de participação. Assim, foram excluídas 38 respostas de estudantes de outros níveis de ensino (médio, técnico, pós-graduação), bem como outras quatro por se tratarem de respostas de menores de 18 anos e, portanto, não atendiam aos critérios de inclusão descritos acima.

INSTRUMENTOS

Foi construído um formulário virtual, com auxílio do Google Forms, com 48 questões, autoadministrado pelos participantes entre outubro de 2018 a fevereiro de 2019. A primeira parte do instrumento continha questões voltadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, tais como gênero, idade, raça/cor, estado civil e outras. Em seguida, os participantes responderam um conjunto de perguntas voltadas para as práticas religiosas, como adesão a grupos específicos, frequência a cultos e cerimônias, entre outros. Na terceira e última etapa do formulário, utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), que consiste em solicitar ao participante que escreva as palavras e expressões que lhe vierem à mente a partir da apresentação de um termo indutor (Abric, 2001; Moliner & Abric, 2015). No presente estudo foram solicitadas evocações para “Deus”, “Diabo” e “Religião”.

ANÁLISE DE DADOS

Para construção do perfil sociodemográfico e caracterização religiosa dos entrevistados foram realizadas análises de estatística descritiva, com o auxílio do software R-studio. Para análise dos dados obtidos por meio da TALP utilizamos o software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ). O Iramuteq permite análises de grandes volumes de texto (Camargo & Justo, 2018). Após tratamento semântico, as evocações iniciais foram submetidas a análises prototípicas. Essa é uma das principais estratégias para explorar a estrutura das RS, levando em consideração a frequência e a ordem média de evocação das palavras

(Wachelke et al., 2016). Palavras com alta frequência e baixa ordem média de evocação (mais instantaneamente evocadas) são apresentadas no primeiro quadrante que indica os prováveis elementos centrais da RS. Já as palavras ordenadas nos outros quadrantes sugerem possíveis elementos do sistema periférico da representação. Assim, na primeira periferia (quadrante superior direito) estão as palavras com alta frequência e maior ordem média. No terceiro quadrante (inferior esquerdo), há a zona de contraste, há elementos com baixa frequência e baixa ordem média de evocação. No quarto e último quadrante (inferior direito), temos a segunda periferia que contém elementos com menor frequência e maior ordem média de evocação (Moliner & Abric, 2015).

ASPECTOS ÉTICOS

Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e deram o seu consentimento por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado na primeira página do formulário virtual. O projeto de pesquisa foi submetido e avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO; CAAE: 70016217.5.0000.5289), recebendo parecer favorável (número 3.508.545).

RESULTADOS

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participaram do estudo 561 universitários, sendo 394 mulheres (70,3%) e 167 (29,7%) homens. Entre os entrevistados, a maior parte dos estudantes se declarou como brancos (43,5%) e pardos (39,6%), solteiros (72,7%), sem filhos (78,1%) e heterossexuais (81,5%). Trata-se de um público majoritariamente jovem, com idade média de 26,7 anos, variando entre 18 e 30 anos (77,5%). Além disso, os participantes possuem baixo poder econômico, uma vez que 58,5% possuíam rendimentos de até dois salários-mínimos (em torno de R\$2.000,00) e 11,4% declararam não possuir renda.

A maior parte dos estudantes participantes (83,3%) reside na região sudeste do país, sendo também observado um maior número de estudantes matriculados em cursos de graduação nas áreas de Ciências Humanas (44,4%), especialmente em instituições privadas ou filantrópicas (69,9%). Constatou-se um maior número de participantes que se declararam evangélicos (30,3%), seguidos pelos católicos (24,2%), espíritas (6,9%) e umbandistas (2,9%). Destaca-se que 61,7% dos entrevistados afirmaram serem adeptos de sua religião há mais de 10 anos e 51,7% nunca tiveram outra vinculação religiosa. Além disso, 12,7% afirmaram não possuir religião e 13,7% se reconhecem como ateus ou agnósticos que, juntos, somam 25,9% da amostra.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DEUS

Por meio da análise prototípica foi possível identificar os prováveis elementos centrais e periféricos que compõem a representação social de Deus para os participantes. Para cada gênero há um *corpus* de palavras e expressões. As mulheres evocaram 1.851 palavras ou expressões (282 palavras diferentes). Já os homens relataram 756 palavras e expressões (200 palavras diferentes). Conforme recomendado (Camargo & Justo, 2018), a frequência mínima para inclusão de evocações nos quadrantes foi cinco. Essas informações estão presentes nas Tabelas 1 e 2. Na Tabela 1, consideramos uma frequência intermediária de 18,34 e ordem média de evocação (OME) de 2,8, enquanto na Tabela 2 a frequência e OME consideradas para a organização dos quadrantes foram de 11,43 e 2,77, respectivamente. De acordo com as Tabelas 1 e 2, os prováveis elementos centrais da RS de Deus são “amor”, “fé” e “pai”. Ambas as palavras “amor” e “pai” tem alta frequência e baixa OME tanto para mulheres – $f = 243$, OME = 2 (amor), $f = 64$, OME = 2,4 (pai) – quanto para homens universitários – $f = 64$, OME = 2,2 (amor), $f = 19$, OME = 2,5 (pai).

Em relação aos elementos da primeira periferia (segundo quadrante), com alta frequência, mas OME superior a 2,8 (mulheres) ou 2,77 (homens), destacam-se termos como “paz” entre as mulheres ($f = 87$; OME = 3) e “fé” entre os homens ($f = 17$; OME = 2,8), além de “esperança”, comum aos dois grupos (f feminino = 66; OME feminino = 3,1 / f masculino = 17; OME masculino = 3,8). Já na zona de contraste (terceiro quadrante), com baixa frequência e OME, há elementos como “carinho” ($f = 18$; OME = 2,8) e “poderoso” ($f = 18$; OME = 2,8) para mulheres e “força” ($f = 10$; OME = 2,4) e “onipotente” ($f = 10$; OME = 2,5) para homens, contendo também o elemento “Jesus” comum aos dois grupos (f feminino = 10; OME feminino = 2,7 / f masculino = 8; OME masculino = 1,5). A maior parte desses termos parece expressar atributos de Deus enquanto um “Ser” ou entidade superior. Por fim, na segunda periferia (quarto quadrante), constam os elementos de baixa frequência e alta OME como “tudo” ($f = 17$; OME = 2,9) e “felicidade” ($f = 16$; OME = 3,8) – para mulheres – e “criador” ($f = 10$; OME = 3) e “vida” ($f = 10$; OME = 3,4) para homens, contendo também o elemento “sabedoria” comum aos dois grupos (f feminino = 12; OME feminino = 3 / f masculino = 9; OME masculino = 3).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DIABO

Conforme se observa nas Tabelas 3 e 4, as palavras “inferno” e “maldade” caracterizam os possíveis elementos centrais da RS de Diabo tanto para homens como para mulheres. Na Tabela 3, com 1734 palavras ou expressões (351 diferentes), entre outras evocações femininas, “maldade” e “inferno” são as palavras recorrentes ($f = 68$, OME = 2,3; $f = 63$, OME = 2,7 respectivamente). Para os

homens, “inferno” ($f = 23$, OME = 2,6) e “maldade” ($f = 23$, OME = 2,3) apenas aparecem em ordem inversa.

Tabela 1. Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Deus” para indivíduos do sexo feminino ($n = 394$)

OME < 2,8			OME > 2,8				
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
F R E Q U Ê N C I A	≥ 18,34	Amor	243	2	Paz	87	3
		Fé	75	2,4	Esperança	66	3,1
		Pai	64	2,4	Bondade	39	3,1
		Força	29	2,6	Misericórdia	34	3,3
		Justiça	20	2,8	Luz	33	3,5
					Vida	33	3,2
					Perdão	31	3,2
					Cuidado	21	3,3
	< 18,34	Poderoso	13	2,7	Tudo	17	2,9
		Carinho	18	2,8	Felicidade	16	3,8
		Energia	12	2	Respeito	16	3,1
		Jesus	10	2,7	Compaixão	16	3,2
		Universo	9	1,4	Alegria	16	3,9
		Soberano	9	2,2	Amigo	15	3,4
		Poder	8	2,8	Proteção	15	3,5
		Onipresente	8	2,8	Criador	13	2,9
		Igreja	7	2,7	Onipotente	13	3,4
		Superior	7	2,3	Sabedoria	12	3
		Liberdade	7	2,6	Justo	12	3,4
		Maravilhoso	7	2,7	Segurança	11	3,4
		Bom	7	1,6	Família	11	3,7
		Santo	6	2,5	Natureza	11	3,2
		Salvador	6	2,3	Conforto	11	3,3
		Onisciente	6	2,8	Confiança	10	3,2
		Acreditar	5	2,4	Gratidão	10	2,9
		Ser	5	1,8	Verdade	9	3,8
		Inexistente	5	1	Caridade	9	3,1
		Deus	5	2,8	Salvação	8	3,1
					Compreensão	8	3,1
					Céu	7	3,1
					Único	7	3,1
					Empatia	7	3,7
					Fiel	7	3,7
					Milagre	6	3,6
					Misericordioso	6	4,2
					Eternidade	6	3,3
					Benção	6	4,2
					Tranquilidade	6	3,2

Nota: número total de palavras = 1851; número de palavras diferentes = 28

Em relação à primeira periferia (segundo quadrante), constam elementos como “medo” entre as mulheres ($f = 56$; OME = 2,9) e “mentira” entre os homens ($f = 25$; OME = 2,8), além de “pecado”, comum aos dois grupos (f feminino = 51; OME feminino = 2,9 / f masculino = 14; OME masculino = 2,9). A segunda periferia (terceiro quadrante), por sua vez, contém elementos como “trevas” ($f = 14$; OME = 2,6) e “anjo” ($f = 13$; OME = 2,7) para mulheres e “inveja” ($f = 9$; OME = 2) e

“manipulação” ($f = 8$; OME = 2,6) para homens. Em comum aos dois grupos, há o elemento “inimigo” (f feminino = 13; OME feminino = 2,5 / f masculino = 8; OME masculino = 2). No quarto quadrante, ou periferia mais distante, constam elementos de baixa frequência e alta OME como “astuto” ($f = 11$; OME = 3,2) e “infelicidade” ($f = 9$; OME = 3,6) para mulheres e “fogo” ($f = 9$; OME = 2,8) e “sofrimento” ($f = 8$; OME = 3,2).

Tabela 2. Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Deus” para indivíduos do sexo masculino (n = 167)

OME < 2,77			OME > 2,77				
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
FREQUÊNCIA	≥ 11,43	Amor	64	2,2	Fé	17	2,8
		Pai	19	2,5	Esperança	17	3,8
		Bondade	15	2,3	Paz	13	3,1
				Poder	12	2,9	
				Salvação	12	2,8	
	< 11,43	Força	10	2,4	Criador	10	3
		Onipotente	10	2,5	Vida	10	3,4
		Misericórdia	9	2,4	Sabedoria	9	3
		Luz	8	2,6	Onipresente	9	3,2
		Jesus	8	1,5	Onisciente	9	3,2
		Criação	7	2,3	Amigo	6	3
		Família	6	2,7	Perdão	6	3
		Cuidado	5	2,6	Eterno	5	4
				Universo	5	3,4	
				Energia	5	3,6	
				Salvador	5	3,4	

Nota: número total de palavras = 756; número de palavras diferentes = 200

Tabela 3. Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Diabo” para indivíduos do sexo feminino (n = 394)

OME < 2,79			OME > 2,79				
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
FREQUÊNCIA	≥ 14,94	Maldade	68	2,3	Medo	56	2,9
		Inferno	63	2,7	Pecado	51	2,9
		Mal	55	2,2	Tristeza	46	3,1
		Ódio	45	2,6	Morte	33	3
		Mentira	39	2,6	Dor	28	2,8
		Destruição	34	2,6	Fogo	20	3,3
		Ruim	30	2,5	Sofrimento	20	3
		Inveja	27	2,7	Tentação	19	2,8
		Raiva	15	2,5	Escuridão	16	3,3
					Angústia	16	3,6
	< 14,94	Trevas	14	2,6	Astuto	11	3,2
		Anjo	13	2,7	Infelicidade	9	3,6
		Inimigo	13	2,5	Enganação	9	3,9
		Traição	11	2,7	Punição	9	3,2
		Destruidor	10	2,4	Discórdia	9	3,1
		Lúcifer	10	1,8	Enganador	9	3,4
		Negatividade	9	2,4	Maligno	8	2,8
		Ruindade	8	2,2	Demônio	8	2,8
		Mau	8	2,5	Desunião	8	3
		Mentiroso	7	1,9	Rancor	8	3,2
		Doença	7	2,7	Manipulação	8	3,1
		Dúvida	7	2,3	Ladrão	7	3
		Desobediência	7	2,7	Confusão	7	3,4
		Desculpa	7	2,7	Guerra	6	3,5
		Falsidade	6	2,5	Vermelho	6	3
		Não Existe	6	1,3	Ignorância	6	3,3
		Maldição	6	2,3	Vingança	6	3,7
		Escolha	6	1,7	Calor	6	3,8
		Invenção	6	1,3	Violência	6	3,5
		Inexistente	5	1,2	Castigo	6	3,7
		Enfermidade	5	2,6	Desespero	6	3,3

OME < 2,79			OME > 2,79		
Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
			Culpa	6	4,3
			Brigas	5	3,2
			Mito	5	3,2
			Negativo	5	3,2
			Perdição	5	4,2
			Desesperança	5	3,4
			Poder	5	3,8
			Engano	5	3
			Ilusão	5	3

Nota: número total de palavras = 1734; número de palavras diferentes = 351

Tabela 4. Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Diabo” para indivíduos do sexo masculino (N = 167)

OME < 2,65			OME > 2,65				
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
FREQUÊNCIAS	≥ 9,96	Inferno	23	2,6	Mentira	25	2,8
		Maldade	23	2,3	Pecado	14	2,9
		Ódio	12	2,4			
		Mal	15	1,8			
		Medo	14	2,6			
		Dor	11	2,1			
	< 9,96	Inveja	9	2	Fogo	9	2,8
		Manipulação	8	2,6	Sufrimento	8	3,2
		Inimigo	8	2	Anjo	7	3,9
		Tentação	7	2,6	Morte	7	3
		Ruim	6	2,5	Tristeza	7	2,7
		Demônio	5	2,4	Mentiroso	6	3,5
		Enganador	5	2	Ignorância	6	3,3
					Lúcifer	6	2,7
					Chifre	5	3,6
					Egoísmo	5	4
					Raiva	5	2,8

Nota: número total de palavras = 701; número de palavras diferentes = 233

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE RELIGIÃO

Para o termo indutor “religião”, as Tabelas 5 e 6 apresentam as evocações femininas (total = 1.862, 326 palavras diferentes) e masculinas (total = 773, 221 palavras diferentes). Em ambas as tabelas, como possíveis elementos centrais, o primeiro quadrante contém, entre outros elementos, as palavras “fé” (f feminino = 170; OME feminino = 2,1/f masculino = 48; OME masculino = 2,6), “amor” (f feminino = 149; OME feminino = 2,6/f masculino = 35; OME masculino = 2,4), “Deus” (f feminino = 144; OME feminino = 1,7/f masculino = 51; OME masculino = 1,6) e “Jesus” (f feminino = 21; OME feminino = 2,5/f masculino = 14; OME masculino = 2,3). Além do elemento “fanatismo” (f = 16; OME = 2,6) que aparece exclusivamente no grupo masculino.

O segundo quadrante apresenta o elemento comum “esperança” (f feminino = 70; OME feminino = 3,2 / f masculino = 18; OME masculino = 3,2), que consta nos dois grupos. O grupo feminino apresenta o elemento “paz” (f = 68; OME = 3,2), enquanto o grupo masculino o elemento “Igreja” (f = 19; OME = 3) como pontos importantes de cada grupo. Já a terceira casa indica, entre as mulheres, os elementos “família” (f = 18; OME = 2,7) e “regras” (f = 15; OME = 2,3) e, entre os homens, “doutrina” (f = 9; OME = 2,2) e “controle” (f = 9; OME = 1,6). Já o quarto quadrante registra os elementos “vida” (f = 18; OME = 3,7) entre o grupo feminino e “intolerância” (f = 11; OME = 3,4) entre o grupo masculino, além do elemento comum “hipocrisia” (f feminino = 14; OME feminino = 3,6 / f masculino = 10; OME masculino = 3,3).

Tabela 5. Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor "Religião" para indivíduos do sexo feminino (N = 394)

		OME < 2,76			OME > 2,76		
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 18,28	Fé	170	2,1	Esperança	70	3,2
		Amor	149	2,6	Paz	68	3,2
		Deus	144	1,7	Crença	26	2,8
		Igreja	41	2,4	Respeito	25	3,4
		Jesus	21	2,5	Força	23	3,4
					Espiritualidade	19	3,3
	< 18,28	Família	18	2,7	Vida	18	3,7
		Regras	15	2,3	Hipocrisia	14	3,6
		Alienação	14	2,1	União	14	3,4
		Fanatismo	14	2,1	Comunhão	12	2,9
		Manipulação	11	2,5	Sabedoria	13	3,4
		Controle	10	2,3	Oração	11	3,7
		Doutrina	10	2,3	Bíblia	10	3,1
		Intolerância	9	1,4	Gratidão	10	3,5
		Doutrinação	8	2,5	Felicidade	9	4,6
		Dogma	7	1,9	Confiança	9	3,4
					Jesus Cristo	9	3,4
					Alegria	9	3,9
					Preconceito	9	3,7
					Conforto	8	3,8
					Pessoas	8	3,8
					Julgamento	8	3,9
					Ignorância	8	3
					Imposição	7	3
					Compaixão	7	3,9
					Saúde	7	3,4
					Solidariedade	7	4,4
					Fraternidade	7	2,9
					Caminho	6	3,3
					Guerra	6	2,8
					Cultura	6	4,3
					Perdão	6	4,3
					Comunidade	5	3,4
					Dogmas	5	3,4
					Amparo	5	3
					Culto	5	4,4
					Empatia	5	3,6

Nota: número total de palavras = 1862; número de palavras diferentes = 326

Tabela 6. Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor "Religião" para indivíduos do sexo masculino (N = 167)

		OME < 2,66			OME > 2,66		
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 13,21	Deus	51	1,6	Igreja	19	3
		Fé	48	2,6	Esperança	18	3,2
		Amor	35	2,4	Família	18	2,8
		Fanatismo	16	2,6	Paz	15	3,3
		Alienação	15	2,4			
		Jesus	14	2,3			
	< 13,21	Doutrina	9	2,2	Intolerância	11	3,4
		Controle	8	1,6	Hipocrisia	10	3,3
		Comunhão	5	2,6	Manipulação	9	3,1
					Respeito	8	3
					Preconceito	8	3

OME < 2,66			OME > 2,66		
Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
			Crença	7	2,7
			Doutrinação	7	2,9
			Mentira	7	3,1
			Caridade	6	3
			Vida	6	3,8
			Perdão	6	4,2
			União	6	2,8
			Bíblia	6	3
			Cristo	5	3,4
			Comunidade	5	3,8
			Salvação	5	3,2

Nota: número total de palavras = 773; número de palavras diferentes = 221

DISCUSSÃO

DEUS

Em relação à representação social (RS) de Deus, os componentes do núcleo central são "amor", "pai" e "fé". Numa RS, de modo geral, o núcleo exerce três funções estruturantes: 1) *geradora*: o núcleo gera e modula o significado de todos os outros elementos constituintes da representação; 2) *organizacional*: determina a natureza e o sentido das conexões entre os demais elementos da representação; e 3) *estabilizadora*: por reunir elementos mais consensuais e abstratos, é o núcleo que confere estabilidade à representação (Moliner & Abric, 2015). Portanto, são os elementos supramencionados que dão significado, organizam e estabilizam a RS de Deus.

Em relação ao "amor" – palavra mais frequente e prontamente evocada em ambos os grupos –, trata-se de um princípio que está no cerne do cristianismo. Segundo Ramos (2010), desde o surgimento do cristianismo, o termo "amor" é central na religião cristã, que prega tanto o amor a Deus quanto ao próximo. Ele também é considerado um atributo divino diretamente relacionado ao nome de Deus; na mitologia grega, eram os deuses Eros, Filia e Ágape que foram apropriados pelo cristianismo. Em um estudo realizado por Oliveira (2018), o termo "amor" caracteriza o elemento central das representações sociais de Deus para homens e para mulheres, reforçando os resultados da presente pesquisa.

Outra evocação comum a ambos os sexos, foi a palavra "pai". Na tradição judaico-cristã, essa ideia foi introduzida por Jesus, que usou a imagem de um *Abba* (hebraico) – "pai de todos" – para incluir pobres e sujeitos à margem da sociedade (Correa-Junior, 2000). A presença desse elemento pode indicar uma RS ancorada numa visão patriarcal e objetivada através de uma figura masculina que exerce papel de pai enquanto guardião e provedor da sua família (Martins, 2019). Em inúmeras expressões religiosas, os personagens centrais dos mitos da criação são figuras masculinas (Rosado, 2017).

Já a palavra "fé" foi evocada no núcleo central das mulheres e na primeira periferia dos homens. É preciso levar em conta que, em geral, o sistema periférico de uma RS cumpre três funções: 1) *concretização*: integram elementos situacionais nos quais a RS adquire concretude; 2) *regulação*: ao serem mais flexíveis, os elementos periféricos permitem a adaptação da RS às mudanças de contexto; e 3) *defesa*: são os elementos periféricos que protegem os elementos centrais contra modificações (Moliner & Abric, 2015). O sistema periférico realiza interface entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação surge e opera. Seus elementos traduzem, portanto, experiências concretas, individualizadas e condicionais (Moliner & Abric, 2015).

Assim, os elementos periféricos em ambas as representações podem ser modulados por aqueles presentes no núcleo. Logo, se "fé" for um elemento essencial para a RS de Deus, sua presença nuclear na representação feminina e respectiva ausência no núcleo para os homens pode indicar que, embora as RS de ambos compartilhem da maioria dos elementos, as mulheres tendem a ser mais religiosas do que os homens. Conforme o IBGE (2010), apenas 6.42% das mulheres brasileiras não professam nenhuma religião, contra 9.7% dos homens.

Nos levantamentos mais atuais, os homens só são maioria entre os ateus (62%) e os sem religião (56%). As mulheres, por sua vez, são maioria entre espíritas (61%), praticantes de religiões afro-brasileiras (61%), evangélicos (57%) e católicos (51%) (DataFolha, 2020). Ademais, enquanto os homens tendem mais comumente a abandonar suas crenças, as mulheres tendem apenas a trocá-las (Neri & Meri, 2011). Diferenças na periferia das RS desses dois grupos parecem reforçar esse cenário. Os elementos que dão concretude ao "pai", no qual se busca ter fé ("proteção", "segurança", "conforto", "confiança", "compreensão" e "benção"), sinalizam demandas que não aparecem para os homens.

Diferentemente das mulheres, única palavra com sentido semelhante ("cuidado") para os homens aparece na zona de contraste. Nessa área, os elementos são apenas complementos da primeira periferia ou são sinais da

existência de subgrupos que os valorizam (Wachelke & Wolter, 2011). A presença do termo “força” nessa zona para os homens pode sugerir que esse elemento é menos consensual em comparação com as mulheres, para as quais ele é central. Ocorre que, juntamente com a religião cristã, a cultura ocidental ainda veicula estereótipos de gênero que associam os homens à força e as mulheres à fraqueza (Martins, 2019; Rosado, 2017).

Quanto às palavras “paz” e “esperança” na primeira periferia, elas foram as mais frequentes entre os homens e as mulheres. O cristianismo é uma das religiões que pregam tanto a paz entre os homens quanto a paz que Deus pode oferecer. Com relação ao elemento “esperança”, no âmbito cristão, ela é proveniente da fé de cada indivíduo. Os cristãos acreditam que suas vidas na terra são passageiras e a esperança em Deus tende a permanecer a despeito de eventuais dificuldades. No estudo de Oliveira (2018), na primeira periferia do sexo feminino, os termos “paz” e “esperança” também estão presentes ($f = 32$; OME = 3,313 e $f = 19$; OME = 3,421), respectivamente, e na primeira periferia do sexo masculino encontra-se o elemento “paz” ($f = 24$ e OME = 3,333). Já em estudo realizado por França et al. (2020), o elemento “paz” também é encontrado na primeira periferia ($f = 32$ /OME = 2,938).

Na zona de contraste, entre as mulheres, o termo de maior destaque foi “poderoso” e entre os homens foi o elemento “força”. A palavra “Jesus” esteve presente em ambos os gêneros. Do ponto de vista católico, a figura humana de quem é Jesus é manifestada através de Deus. Assim, é possível compreender Deus através da trindade: Deus pai, Deus filho e Deus Espírito Santo. Como visto no núcleo central, houve a evocação do elemento “pai” como sendo Deus. Na segunda periferia, o elemento “criador” foi o mais frequente entre os homens, termo também presente no sexo feminino, e o termo “tudo” foi o mais evocado entre as mulheres. Juntamente com as palavras “onipotente”, “onipresente” e “onisciente”, esses termos podem estar indicando a forma como uma entidade abstrata dotada de poderes e responsável pela criação do universo – dentro da cosmologia cristã – ganha concretude.

A rigor, duas representações são diferentes quando se organizam em torno de dois núcleos centrais distintos (Moliner & Abric, 2015; Wachelke & Wolter, 2011). Assim, embora existam elementos periféricos diferentes para os homens e as mulheres desta pesquisa, não é possível descrever RS de Deus diferentes conforme o gênero. Aspectos relativos ao gênero parecem emergir nas periferias. Essa é precisamente a região ligada a aspectos práticos que indicam certa adaptação do núcleo às situações sociais. Tratando-se de situações assinaladas por relações de gênero, os elementos da RS de Deus para os participantes perpassam: a) simbologia: como “pai” “criador”, Deus é representado como figura masculina; b) normas político-históricas: os elementos “proteção”, “conforto”, “segurança”,

“confiança” e “misericordioso” podem estar refletindo papéis e características entendidos socialmente como masculinos; c) subjetividade: a ausência do elemento “fé” na zona central masculina pode indicar que a fé em Deus é mais importante para as mulheres. Todos esses aspectos são dimensões importantes implicadas na noção de gênero (Martins, 2019; Scott, 1995).

DIABO

As representações de “Diabo” indicam um resultado semelhante ao de “Deus”. Os dois grupos entrevistados evocaram elementos semelhantes perante esse termo indutor. Entre eles, “inferno” e “maldade” destacam-se com maior quantidade de menções nos dois grupos, além de OMEs baixas, caracterizando o possível núcleo da representação (Moliner & Abric, 2015). Esse fato pode ser relacionado, entre outros fatores, à maioria cristã da população brasileira (IBGE, 2010), da qual emergem as múltiplas dimensões da imagem diabólica.

Do ponto de vista histórico, essa representação parece se ancorar nas imagens teológicas e populares do Diabo judaico-cristão apresentado nas escrituras como personificação da “maldade” e habitante do “inferno” – local caracterizado pelo “fogo” e usado como “castigo” para os pecadores. Outros elementos dessa tradição são “anjo”, “traição”, “Lúcifer”, “demônio” e “inimigo”. Novamente eles indicam a narrativa bíblica do Diabo como anjo caído que traiu Deus e se inimizou. Por ter feições humanas, essa imagem não parece eficiente em representar dicotomicamente o Diabo. Por isso, há a representação popular do Diabo com “chifres”, que remonta ao deus grego Pã com cascos fendidos, chifres, rabo e órgãos repartidos em duas pontas, simbolizando a divisão e a dualidade características dessa figura (Muchembled, 2001).

Os elementos periféricos “mentira”, “pecado” e “tentação” parecem indicar a narrativa paradisíaca do Gênese, especialmente a “mentira” sugere a imagem simbólica da serpente do livro cosmogônico cristão do Gênesis, que representa o Diabo, responsável por tentar Adão e Eva a comerem o fruto proibido. Cabe ressaltar que há outras evocações, como “inveja”, “raiva” e “ódio”, as quais são pecados capitais. Além desses elementos que ajudam a contextualizar os elementos centrais e a identificar como o “Diabo” é, há palavras que indicam como ele se manifesta nos níveis intra e interpessoal. No primeiro, homens e mulheres mencionaram experiências cognitivas, afetivas e existenciais como “medo”, “tristeza”, “infelicidade”, “sofrimento”, “dor”, “angústia”, “desespero”, “culpa”, “desesperança”, “ódio”, “raiva”, “ignorância” e “ilusão”. No segundo nível, as mulheres, em especial, mencionaram “discórdia”, “desunião”, “confusão”, “guerra”, “vingança”, “violência” e “brigas”. Em geral, esses termos parecem indicar como o Diabo, enquanto “mal”, se manifesta dentro, fora e entre os indivíduos.

Chama a atenção que entre as mulheres surgiram elementos periféricos como “calor”, “castigo”, “culpa” e “perdição”. Caso esses elementos sinalizem experiências de cunho sexual, eles podem implicar na difusão histórica de imagens que associaram o corpo feminino a Satã e ao mal (Lemos, 2007). Com base em figuras como Eva, Pandora e Lilith, a corporalidade feminina foi historicamente revestida de uma moral sexual ambivalente (Wandermurrem, 2007). Sob influência dessa moral, o saber médico ocidental construiu e disseminou justificativas pseudocientíficas para o controle masculino da sexualidade feminina (Martins, 2019; Rosado, 2017). Na atualidade, essas ideias podem encontrar algum eco, sobretudo em se tratando de seguimentos mais rígidos em relação ao uso dos corpos e indumentárias, como a Assembleia de Deus (Rigoni & Prodócimo, 2007). Também é digno de nota que, na zona de contraste das evocações femininas, há palavras que sugerem um subgrupo que não reconhece o Diabo (“não existe”, “invenção”, “inexistente”). Ademais, como na representação anterior, não há indícios suficientes para concluir sobre duas RS de Diabo distintas.

RELIGIÃO

Nesta pesquisa, tanto para os homens quanto para as mulheres, os prováveis elementos centrais da RS de religião são “Fé”, “Amor” e “Deus”, ou seja, a exceção de “pai”, esses elementos tornam a representação de Deus muito próxima da representação de religião. Uma explicação provável é a de que, em nossa cultura, esses termos se tornam um amálgama. Por exemplo, se Deus é amor, e a religião (cristã) orbita em torno dele, é esperado que amor reapareça nuclearmente nessa representação. A despeito de essas três palavras terem sido frequente e prontamente evocadas pelos homens e pelas mulheres participantes desta pesquisa, esses e outros elementos se organizam de forma diferente. A começar pelo que é comum a ambos, o elemento central fé parece se conectar com os termos “esperança”, “crença”, “força”, “espiritualidade”, “oração”, “Bíblia”, “gratidão” e “Cristo”. Todos esses elementos denotam formas pelas quais a fé se expressa ou age. No que concerne ao termo nuclear “amor”, ele parece se materializar através de evocações periféricas que estão diretamente relacionadas com o contexto das práticas religiosas que as transformam em valores morais, por exemplo, “paz”, “respeito”, “união”, “compaixão”, “solidariedade”, “fraternidade” e “empatia”.

A partir da palavra Deus – primeiro elemento da zona central dos homens, e terceira das mulheres – nuances começam a aparecer. À exceção dos termos “vida” e “perdão” que, como visto anteriormente, parecem estar relacionados à RS de Deus, as mulheres mencionam “sabedoria”, “confiança”, “conforto”, “saúde” e “amparo”. Uma vez que são esses elementos que traduzem os significados gerados pelos elementos centrais para o cotidiano, eles também sinalizam o que as mulheres podem estar buscando através da religião.

Outra diferença significativa é a presença da palavra “Igreja” mais próxima aos outros elementos centrais evocados pelas mulheres. Ela sinaliza a dimensão institucional que a religião possui e, por isso, se conecta diretamente com elementos periféricos como “comunhão”, “pessoas”, “comunidade” e “culto”. Apesar dos elementos “comunidade”, “Igreja” e “comunhão” terem sido citados pelos homens, eles estão mais distantes do centro. Isso pode indicar que a dimensão institucional da religião tem sido menos importante para o público masculino. Logo, os indivíduos podem estar produzindo sínteses religiosas pessoais ou redefinindo seus vínculos de pertença fora dos circuitos institucionais (Swatowski et al., 2018). Aqui, a palavra “comunhão” ocupa a zona de contraste. Sobre essa região, ela é um dos aspectos mais problemáticos da RS de religião. Para os homens, elementos críticos como “fanatismo” e “alienação” estão na zona central e se conectam com termos periféricos que esboçam como o caráter alienante da religião é percebido no cotidiano: “intolerância”, “hipocrisia”, “manipulação”, “preconceito” e “doutrinação”.

Para as mulheres, essa dimensão socialmente negativa das religiões surge na zona de contraste. Esse é um forte indício da existência de um grupo de mulheres que percebe a religião de forma crítica ou mesmo da existência de outra representação de religião para esse grupo. Apesar disso, a palavra “família” é a primeira da zona de contraste das mulheres. Somado à RS masculina de Deus e à forte presença da simbologia cristã no corpus de palavras que discutimos, é possível dizer que “o catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina do que masculina, sendo passada da mãe às filhas e aos filhos” (Neri & Meri, 2011, p. 646).

Mesmo fora da zona de contraste, nas periferias, há significativo número de elementos contraditórios e conflitantes para homens e mulheres. Ao contrário do núcleo central, o sistema periférico é capaz de acomodar contradições (Moliner & Abric, 2015). Considerando que no ambiente universitário, a ciência moderna adotou o princípio metodológico da dúvida buscando superar dogmas da tradição, trata-se de um espaço crítico e, por vezes, hostil aos dogmas religiosos. Esse cenário vem contribuindo para que os estudantes mantenham suas crenças religiosas ao longo da vida universitária, porém evitando falar sobre elas nos espaços acadêmico, gerando sofrimento (Martins & Nascimento, 2022). Logo, a presença desses elementos contraditórios pode auxiliar a adaptação da RS de religião aos diferentes contextos que os estudantes frequentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, Deus é representado como “amor” e “pai”, enquanto o Diabo é percebido como personificação do mal. Como na RS de Deus, a RS de religião também está associada com “Deus”, “fé” e “amor”. No entanto, a RS de

religião comporta elementos socialmente negativos que quebram a dicotomia entre Deus e o Diabo. Há evidências sutis e sinalizadoras de que os homens e as mulheres desta pesquisa se relacionam de forma relativamente distinta com esses objetos. Enquanto as mulheres parecem buscar em Deus proteção, força, conforto e segurança, valorizando a dimensão institucional da Igreja, esses aspectos parecem ser menos centrais para os homens. Além disso, eles são tratados de forma mais crítica pelos homens através de uma ênfase maior em aspectos negativos da religião. Essa tendência só aparece na zona de contraste feminina, sinalizando a existência de diversidade e divergência entre grupos de mulheres.

Apesar dessas variações sutis, não dispomos de elementos para afirmar a existência de representações diferentes entre homens e mulheres para nenhum dos objetos investigados. Primeiro, porque o núcleo de nenhuma das representações tratadas apresenta diferenças significativas para esses dois grupos. Segundo, porque a determinação do núcleo central requer outros métodos que não empregamos aqui, como técnicas de associação verbal e evocação hierárquica (Moliner & Abric, 2015; Wachelke & Wolter, 2011).

Não obstante a essas limitações, o estudo traz importantes elementos para fomentar discussões no âmbito da Psicologia da Religião brasileira, que está em constante crescimento (Paiva, 2017). Nesse sentido, o estudo soma-se a outras pesquisas que vêm apontando a necessidade de as universidades incluírem o debate sobre temáticas que perpassam o cotidiano dos universitários, entre elas, a religião (Swatowski et al., 2018). Esse esforço vem sendo apontado como capaz de contribuir para a formação humana e política dos estudantes, além de construir espaços dialógicos entre as universidades e os diferentes saberes que constituem os sujeitos que ocupam esses espaços (Swatowski et al., 2018).

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autora pode ser atribuída:

Alberto M. Martins contribuiu com a construção do projeto de pesquisa, coleta de dados e orientação de todas as etapas da investigação, incluindo análise, redação e revisão do manuscrito; Thiago Mikael-Silva contribuiu com a organização e análise dos dados e revisão do texto; e João Pedro O. Amorim, Sara R. Hirokawa e Guilherme A. N. Cabral contribuíram com a análise dos dados, interpretação dos resultados e redação do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (2001). *Prácticas sociales y representaciones*. Ambassade de France – CCC IFAL.
- Andrade, M. B. T., et. al. (2020). O nexó entre religiosidade/espiritualidade e o comportamento suicida em jovens. *SMAD, Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool Drogas*, 16(4), 109-121. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.169257>
- Arriall, E., Santos, H., Bom, I., Maitelli, L., Caldas, L., Campelo, R., Carvalho, R. (2019). Avaliação do impacto da religiosidade na vida de estudantes universitários com ansiedade e depressão. In L. Cosmoski. (Org.), *Difusão do conhecimento através das diferentes áreas da medicina* 3, (pp. 210-223). Atena Editora. <https://doi.org/10.22533/at.ed.823192312>
- Bengtson, V. L., Copen, C. E., Putney, N. M., & Silverstein, M. (2009). A Longitudinal Study of the Intergenerational Transmission of Religion. *International Sociology*, 24(3): 325–345. <https://doi.org/10.1177/0268580909102911>
- Borges, M., Santos, M., & Pinheiro, T. (2015). Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(4), 609-616. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680406i>
- Camargo, B., & Justo, A. (2018). *Tutorial para uso do software Iramuteq*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição - UFSC. <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>
- Carmurça, M. (2019). Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. *Estudos de Sociologia*, 2(25), 125-179. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243765>
- Cavalcante, A., & Pinezi, A. (2014). Masculinidades e pertencimento religioso entre jovens espíritas e neopentecostais. *Agenda Social*, 8(2): 94-106. https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2022/10/volume8_n2.pdf
- Correa-Junior, J. L. (2000). Do Deus distante para o Deus amor: o desenvolvimento da ideia sobre Deus na Bíblia. *Revista Symposium*, 1-20. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3095/3095.PDF>
- Diniz, A. P., Minucci, G. S., Roama-Alves, R. J., & Souza e Souza, L. P. (2020). Espiritualidade e Religiosidade como práticas de enfrentamento ao uso abusivo de drogas. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(1): 88-102. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v9i1.2467>
- França, L. C. M., et. al. (2020). Representações sociais de Deus para participantes de festividades católicas na cidade do Rio de Janeiro. *Caminhos*, 18, 1067-1083. <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v18i3.8129>

- Gomes, N. S., Farina, M. & Forno, C. F. (2014). Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(2): 107-112. <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v6n2p107-112>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf
- Instituto Datafolha (2020). *Religião*. Recuperado de https://drive.google.com/file/d/15aYTx8vvrYwvJvVC_tSS4N8ijxlwl-n6/view
- Jodelet, D. (2017). A perspectiva interdisciplinar no campo de estudo do religioso: contribuições da teoria das representações sociais. In: M. Freitas, G. Paiva, & C. Moraes. (Orgs). *Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: Desafios da interdisciplinaridade* (pp. 89-111). EdUCB.
- Lemos, F. (2007). "Se deus é homem, o demônio é [a] mulher!": A influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. *Revista Ártemis*, 6, 114-124. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2131>
- Machado, M. (2005). Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, 13(2): 387-396. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>
- Martins, A. M. (2019) *A masculinidade no Reino de Deus: corpo, gênero e representações sociais de homem entre frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus*. [Tese Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30222/1/Tese%20Doutorado%20Alberto%20Mesaque%202019%20final%20ficha.pdf>
- Martins, A. M., & Nascimento, A. R. A. (2022). Gênero e suas implicações nas práticas religiosas: estudo exploratório entre universitários brasileiros. *Psicologia: Teoria e Prática*, 24(3), ePTPSP14140. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP14140.en>
- Martins, A. M., Soares, A. K. S., Arruda, G. O., & Baptista, C. J. (2023). Association between religion, mental health and social distancing during the COVID-19 pandemic. *Psico-USF*, 28(1), 79-90. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280107>
- Moliner, P., & Abric, J. (2015). Central core theory. In G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell, & J. Valsiner (Eds.). *The Cambridge Handbook of Social Representations* (pp. 83-95). Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (2005). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
- Moscovici, S. (2011). *A invenção da sociedade*. Vozes.
- Muchembled, R. (2001) *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Bom Texto.
- Nascimento, A., & Roazzi, A. (2017). Religiosidade e o desenvolvimento da autoconsciência em universitários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(2), 121-137. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v69n2/09.pdf>
- Neri, M., & Meri, L. (2011). Novo mapa das religiões. *Horizonte*, 9(23), 637-673. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2011v9n23p637>
- Oliveira, M. (2018). *Representações sociais de Deus entre homens e mulheres*. [Dissertação Mestrado]. Universidade Católica de Petrópolis.
- Pataro, C., & Mezzomo, F. (2018). Onde estão a religião e a política? Compreensões de jovens universitários católicos, evangélicos e sem religião. *Horizonte*, 16(50), 812-844. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2018v16n50p812-844>
- Pestana, M. (2021). *As religiões no Brasil*. Religião e Poder. <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religoes-no-brasil/>
- Pinheiro, L., Galiza, M. & Fountoura, N. (2011). Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença parental como política pública para líder com estas tensões. In: Bonetti, A. L., Abreu, M. A. (Orgs.). *Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil* (pp. 45-61). Brasília: Ipea.
- Quitério, M. N. L. (2020). Evangélicos pentecostais brasileiros e os meios de comunicação: A mídia como uma ferramenta da religião para o homem pós-lettrado. *REPAS*, 6(6): 1-4. <https://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/42/41>
- Ramos, A. (2010). *O conceito de Deus pai: Um diálogo entre a teologia de Torres Queiruga e a psicologia analítica de Jung*. [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia do Rio Grande do Sul.
- Ribeiro, J. (2019). Significados e valores na religiosidade de universitários. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 78(311), 536-547. <https://doi.org/10.29386/rev.v78i311.1395>
- Rigoni, A. C. C., & Prodócimo, E. (2013). Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Revista Brasileira De Ciências Do Esporte*, 35(1): 227-243. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000100017>
- Rosado, M. (2017). Feminismo, gênero e religião: os desafios de um encontro possível. *Estudos de Religião*, 31(2), 65-76. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p65-76>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Sherkat, D. E. (2003). Sources of Influence and Influences of Agency. In: Dillon, M. (ed). *Handbook of the Sociology of Religion* (pp. 151-163). Cambridge University Press.
- Smith, J. (2021). Transmission of Faith in Families: The Influence of Religious Ideology. *Sociology of Religion*, 82(3), 332-356, <https://doi.org/10.1093/socrel/sraa045>
- Swatowski, C., Silva, D., & Alvarenga, O. (2018). Religião no contexto universitário: uma pesquisa entre estudantes de Ciências Sociais e Psicologia da UFU. *Interseções*, 20(2), 388-411. <https://doi.org/10.12957/irei.2018.39031>
- Valente, G. (2015). *A presença oculta da religiosidade na prática docente*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Wachelke, J., Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017>

Wachelke, J., Wolter, R., & Matos, F. (2016). Efeito do tamanho da amostra na análise de evocações para representações sociais. *Liberabit*, 22(2), 153-160. <http://www.scielo.org.pe/pdf/liber/v22n2/a03v22n2.pdf>

Wandermurrem, M. (2007). Corpo feminino, corpo sedutor, corpo profano: a construção teológica do corpo feminino como simbologia do mal. *REGER VIRTUAL: Revista de Gênero e Religião*, 1(1): 7-27 https://fbb.br/wp-content/uploads/2021/11/1-reger_marli.pdf

Zangari, W., & Machado, F. (2018). *Psicologia & Religião: Histórico, subjetividade, saúde mental, manejo, ética profissional e direitos humanos*. USP. <http://www.hu.usp.br/wp-content/uploads/sites/340/2018/03/Cartilha-PsiRel-Inter-Psi-USP-2018.pdf>

Data de submissão: 23/01/2023

Primeira decisão editorial: 19/09/2023

Aceite: 05/10/2023